

## **0 8 de janeiro de 2023 no debate acadêmico brasileiro: revisão de literatura na perspectiva dos movimentos sociais**

**January 8, 2023, in Brazilian academic debate: a literature review from the perspective of social movements**

### **Eduardo Georjão Fernandes\***

Universidade de Brasília. Brasília, Brasil

eduardo.fernandes@unb.br

ORCID: 0000-0002-0307-3550

### **Bianca Antunes Chaves**

Universidade de Brasília. Brasília, Brasil

bianca.chvesz@gmail.com

ORCID: 0009-0005-8138-1267

### **Eduarda do Amaral Almeida**

Universidade de Brasília. Brasília, Brasil

eduardaamaralalmeida82@gmail.com

ORCID: 0009-0004-2944-012X

### **Erykson Dyego Santos Sarafim**

Universidade de Brasília. Brasília, Brasil

erykson.unb@gmail.com

ORCID: 0009-0005-1120-6893

### **Hanna Luisa Da Silva**

Universidade de Brasília. Brasília, Brasil

luisa.hanna@aluno.unb.br

ORCID: 0009-0009-3582-3289

### **Tainara Mendes Alves**

Universidade de Brasília. Brasília, Brasil

cp23tainara@gmail.com

ORCID: 0009-0009-2051-3210

---

**Cite como:** Fernandes, E. G. *et al.* (2026). O 8 de janeiro de 2023 no debate acadêmico brasileiro: revisão de literatura na perspectiva dos movimentos sociais. *Desde el Sur*, 18(4), e0083.

## **RESUMO**

O artigo analisa como a literatura acadêmica brasileira tem interpretado os eventos de 8 de janeiro de 2023

---

\* Autor corresponsal: Eduardo Georjão Fernandes, Universidade de Brasília. Brasília, Brasil. Correo: eduardo.fernandes@unb.br

a partir de uma revisão sistemática de publicações entre 2023 e 2025. Com base em 33 trabalhos, o estudo examina definições do evento, problemas de pesquisa, métodos, conceitos e autores mobilizados, bem como os principais resultados produzidos. Os achados indicam que a literatura se organiza em torno de três eixos predominantes — disputas narrativas, produções discursivas e análises jurídico-institucionais—, com forte concentração em fontes secundárias e técnicas de análise textual. Argumenta-se que, embora o conceito de enquadramento interpretativo seja amplamente mobilizado, categorias centrais do campo dos movimentos sociais permanecem subexploradas, especialmente aquelas relacionadas às estruturas de mobilização e de oportunidades políticas, ao repertório de confronto, ao engajamento e à repressão. O artigo conclui apontando lacunas analíticas e propondo uma agenda de pesquisa que incorpore abordagens processuais e maior diversificação metodológica.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

8 de janeiro; movimentos sociais; extrema direita; ação coletiva; revisão sistemática.

#### **ABSTRACT**

This paper analyzes how Brazilian academic literature has interpreted the events of January 8, 2023, based on a systematic review of publications from 2023 to 2025. Drawing on 33 studies, the research examines definitions of the event, research questions, methods, concepts, and authors cited, as well as the main findings produced. The findings indicate that the literature is organized around three predominant axes—narrative disputes, discursive productions, and legal-institutional analyses—with a strong focus on secondary sources and textual analysis techniques. It is argued that, although the concept of collective action framing is widely employed, central categories in the field of social movements remain under-explored, especially those related to structures of mobilization and political opportunities, the repertoire of contention, engagement, and repression. The paper concludes by pointing out analytical gaps and proposing a research agenda that incorporates processual approaches and greater methodological diversification.

## KEYWORDS

January 8; social movements; far right; collective action; systematic review.

## Introdução

Em 8 de janeiro de 2023, cerca de quatro mil manifestantes, informados com a derrota de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de outubro de 2022, marcharam do Quartel-General do Exército em direção à Praça dos Três Poderes (Brasília/DF), onde depredaram a estrutura e o patrimônio dos prédios do Congresso Nacional, do Palácio do Planalto e do Supremo Tribunal Federal (STF) (G1, 2023). O evento teve como pano de fundo um processo de contestação, por parte de setores ligados ao conservadorismo e à extrema direita, do resultado eleitoral que elegeu Luiz Inácio Lula da Silva (PT) (Soares, 2024). Entre os dias 8 e 9 de janeiro, cerca de mil e quinhentas pessoas foram detidas e encaminhadas a unidades prisionais nas imediações (Cury, 2024). Posteriormente, a Primeira Turma do STF condenou diversos réus acusados de participar da organização dos atos, incluindo o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) (Vivas, 2026).

Os eventos de 8 de janeiro são um marco do profundo acirramento da crise da democracia brasileira (Avritzer, 2025). Embora episódios de mobilização recentes no país, como o ciclo de protestos de 2013, tenham envolvido táticas disruptivas, episódios de depredação e confronto com as forças policiais, tais eventos não tiveram como alvo explícito as instituições democráticas em si (Alonso e Mische, 2017). Em geral, a violência observada nesses contextos esteve associada a dinâmicas de confronto situacional, à ação de grupos específicos (como black blocs) ou à escalada de repressão policial (Fernandes e Silva, 2024). Os atos de 8 de janeiro, por sua vez, configuram uma ação direcionada de forma coordenada contra os principais símbolos materiais do Estado democrático brasileiro (Grischke, 2024).

Diante do desafio de compreender esse fenômeno, o 8 de janeiro tem sido interpretado, academicamente, de diversas formas, as quais tendem a enfatizar diferentes elementos: leituras de caráter institucional, que enfatizam o evento como tentativa de golpe de Estado e ataque à ordem democrática (Fiorio e Jacob, 2025; Prates, 2025); abordagens que destacam a radicalização e a violência como formas de atuação coletiva (Azevedo *et al.*, 2025; Souza, 2024); análises voltadas às bases discursivas do bolsonarismo e da extrema direita, que relacionam o episódio a dinâmicas comunicacionais, como a desinformação (Ribeiro e Assolini, 2024; Ferrari, 2024); entre outras. Tais interpretações, ainda que frequentemente sobrepostas,

indicam a complexidade do fenômeno e a multiplicidade de enquadramentos mobilizados para compreendê-lo.

Assim, apesar do caráter recente do evento, observa-se a emergência de uma literatura acadêmica interessada em analisá-lo em suas diversas dimensões. Nesse contexto, compreendemos que o campo de estudos da ação coletiva e dos movimentos sociais, a partir de seus aportes teórico-metodológicos consolidados para a compreensão dos processos de mobilização, organização e engajamento coletivo (Alonso, 2009; Pereira *et al.*, 2023; Pereira e Silva, 2022; Silva, 2010), apresenta um potencial analítico relevante para a análise do 8 de janeiro. Em especial, esse campo tem reconhecido a relevância de pesquisar as dinâmicas de mobilização de grupos e movimentos conservadores e de extrema direita, os quais, até recentemente, eram pouco estudados ou até negligenciados (Silva e Pereira, 2020).

De qualquer modo, pouco se sabe sobre como a literatura brasileira tem mobilizado (ou tensionado) os conceitos, categorias analíticas e enquadramentos teóricos do campo de estudos de movimentos sociais para interpretar o 8 de janeiro. Em particular, carece de maior sistematização a forma como os estudos definem o episódio, quais repertórios, identidades e dinâmicas organizacionais são enfatizados, e em que medida os marcos teóricos clássicos e contemporâneos dos estudos de movimentos sociais são considerados adequados, adaptados ou insuficientes para a análise de uma mobilização de caráter antidemocrático.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é revisar e analisar a literatura brasileira sobre o 8 de janeiro de 2023 a partir da perspectiva do campo de estudos de movimentos sociais. As perguntas que guiam o estudo são as seguintes: como a literatura científica tem enquadrado e interpretado o 8 de janeiro? Como o aparato conceitual e teórico do campo dos movimentos sociais e da ação coletiva é mobilizado nessa literatura e, por outro lado, como esse campo pode contribuir para as análises em torno do 8 de janeiro?

Argumentamos que a literatura sobre o 8 de janeiro tem se organizado em torno de estudos dedicados às disputas narrativas, às produções discursivas e à análise sobre democracia e instituições. Parte do repertório conceitual dos estudos de movimentos sociais e da ação coletiva vem sendo incorporada por essa literatura, sobretudo por meio do uso do conceito de enquadramento interpretativo da ação coletiva (Benford e Snow, 2000; Snow *et al.*, 1986; Snow e Benford, 1992). Contudo, tal incorporação permanece restrita. Persistem lacunas importantes em torno de questões suscitadas por conceitos clássicos do campo, especialmente

no que se refere às estruturas de mobilização (Almeida, 2019; McCarthy e Zald, 1977), à estrutura de oportunidades políticas (Tarrow, 2009), ao engajamento (Sawicki e Siméant, 2011), ao repertório de confronto (Alonso, 2012; Tilly, 2006) e à repressão (Earl, 2011; Fernandes, 2020).

Entendemos ainda que essa lacuna, que decorre tanto das dificuldades da literatura sobre o 8 de janeiro em incorporar o instrumental teórico dos movimentos sociais quanto das limitações dos conceitos desse campo em capturar fenômenos com as características do 8 de janeiro, constitui uma oportunidade analítica em múltiplas frentes: a formulação de novos problemas, bem como a diversificação de fontes e técnicas de análise sobre o 8 de janeiro; o reconhecimento desse episódio como objeto empírico do campo dos movimentos sociais, o que demanda a análise crítica, a adaptação e a eventual reformulação dos instrumentos teóricos desenvolvidos para o estudo da ação coletiva «tradicional».

O artigo está dividido nas seguintes seções. Primeiramente, são apresentados os dados e métodos empregados para mapeamento e análise da literatura sobre o 8 de janeiro. A seguir, é realizada a análise do *corpus* a partir dos seguintes elementos: interpretações do 8 de janeiro, problemas de pesquisa, métodos de coleta e análise de dados, conceitos e autores mobilizados, e resultados. A seção de discussão relaciona a análise bibliográfica com a literatura dos movimentos sociais e da ação coletiva. Finalmente, são expostas as considerações finais, sintetizando as contribuições e os limites deste artigo.

## Dados e métodos

Para responder ao problema de pesquisa, este artigo baseou-se em uma revisão sistemática (Grant e Booth, 2009) da literatura sobre o 8 de janeiro. O fluxo de revisão foi formado por três etapas: identificação, triagem e análise. Na identificação dos textos, a estratégia de busca<sup>1</sup> consistiu na consulta a diversas bases, utilizando-se a expressão «8 de janeiro» aplicada ao inteiro teor dos textos, com delimitação temporal entre os anos de 2023 e 2025. As bases consultadas foram o Portal de Periódicos CAPES, o SciELO e o Catálogo de Teses & Dissertações CAPES. Adicionalmente, foram realizadas buscas pelo *software Publish or Perish*<sup>2</sup> para selecionar os 100 resultados mais relevantes no Google Acadêmico a partir dos mesmos

---

1 As buscas foram realizadas entre janeiro e março de 2026, de modo a captar o conjunto de textos publicados entre 2023 e 2025.

2 *Publish or Perish* é um *software* utilizado para busca de referências bibliográficas em diferentes repositórios e calcula métricas que permitem ranquear as referências em nível de relevância. <https://harzing.com/resources/publish-or-perish>

critérios de palavra-chave e período. Essa consulta inicial resultou em um conjunto bruto de 137 textos.

Na etapa de triagem, as publicações foram submetidas a critérios de exclusão previamente definidos: a) textos encontrados em duplicidade nos repositórios; b) publicações em formatos distintos de artigos, teses ou dissertações<sup>3</sup>; c) textos que não mencionaram o evento de 8 de janeiro de 2023; d) trabalhos que citaram o 8 de janeiro de maneira muito secundária e marginal, sem propriamente abordá-lo ou analisá-lo como objeto empírico; e) artigos publicados em periódicos de estrato inferior (classificados como C ou não classificados na avaliação Qualis CAPES referente ao quadriênio 2021-2024)<sup>4</sup>. Após a filtragem, o *corpus* de textos aqui analisados é composto por 33 publicações (ver Apêndice A).

No conjunto das publicações, podem ser identificadas algumas características gerais dessa literatura emergente. Em termos temporais, observa-se uma concentração significativa de publicações no ano de 2024, que reúne 19 estudos, enquanto os anos de 2023 e 2025 apresentam, respectivamente, 6 e 8 textos. Essa distribuição temporal sugere um crescimento recente do interesse acadêmico pelo tema, com pico de produção em 2024, seguido de redução no período subsequente. A redução em 2025 não permite que sejam realizadas inferências sobre eventual perda de interesse no tema, uma vez que a queda pode estar relacionada à lógica temporal da produção acadêmica, com a tentativa de formulações iniciais de interpretação de determinado fenômeno, seguida de um tempo de maturação para o aprofundamento analítico.

Quando mapeada a área mãe dos estudos, identifica-se uma grande diversidade. A área que mais concentra textos é a Comunicação e Informação e Museologia (8 publicações), seguida dos campos Linguística e Literatura (5 publicações), Ciência Política e Relações Internacionais (4 publicações), Direito (3 publicações), Psicologia (3 publicações), Sociologia (3 publicações), Educação (2 publicações), Interdisciplinar (2 publicações). Com uma publicação cada, ainda aparecem Antropologia/Arqueologia, História e Serviço Social. Apesar dessa diversidade, tais dados indicam que estudos focados nas dimensões comunicacionais e linguísticas são

---

3 A busca não incluiu trabalhos de conclusão de graduação, trabalhos publicados em anais de eventos, notícias de jornal, resenhas, livros e capítulos de livros, uma vez que foram priorizados tipos de produção submetidos a processos relativamente consolidados de avaliação acadêmica (como a revisão por pares, no caso dos periódicos, e as bancas examinadoras, no caso das pós-graduações) e que, por isso, tendem a apresentar maior densidade teórica, explicitação metodológica e desenvolvimento analítico.

4 Publicações desses periódicos foram excluídas com vistas a assegurar um padrão mínimo de qualidade editorial.

um subconjunto muito representativo nessa literatura (somadas, representam 13 textos —cerca de 39% do total). Para os objetivos deste estudo, observa-se que as áreas de Ciência Política e Relações Internacionais, Sociologia e Antropologia/Arqueologia, as quais tendem a ser mais relacionadas à discussão sobre ação coletiva e movimentos sociais, concentram 8 publicações (cerca de 24% do total), o que evidencia uma presença ainda minoritária, porém substantiva desse conjunto.

Quanto aos estratos de qualificação dos periódicos na avaliação Qualis CAPES para o quadriênio 2021-2024, a maior parte dos artigos mapeados (24 publicações) se situa em periódicos de estrato superior (11 publicações em periódicos A1, 8 em A2, 2 em A3 e 3 em A4). Outras 3 publicações se situam em periódicos de médio impacto (2 em B1 e 1 em B3). Esses dados indicam, de forma geral, uma elevada qualificação dos artigos, sugerindo que o *corpus* analisado se ancora em veículos de reconhecida relevância acadêmica e rigor editorial, o que fortalece a consistência analítica do mapeamento e a robustez das inferências dele derivadas.

Na etapa de análise, os textos foram examinados nas seguintes variáveis: interpretações do 8 de janeiro; problemas de pesquisa; métodos (subdivididos em fontes e técnicas de análise); conceitos e autores mobilizados; e resultados. As categorias analíticas para cada variável foram construídas por meio de um procedimento de codificação indutiva, a partir da identificação de padrões recorrentes nos textos. De modo geral, para cada variável, foram produzidas tabelas que quantificam os enquadramentos das publicações nas respectivas categorias. Especificamente para conceitos e autores mobilizados, foi feita a contagem<sup>5</sup> das vezes em que conceitos foram mencionados ao longo dos textos e das vezes em que autores foram referenciados nas listas de referências, com a geração de gráficos para demonstração dos resultados. A seguir, são desenvolvidas as análises para cada variável.

## O 8 de janeiro de 2023 no debate acadêmico brasileiro

### a) Interpretações do 8 de janeiro

Nesta variável, buscamos classificar as formas como a literatura especializada sobre o 8 de janeiro enquadra conceitualmente o evento. Em outros termos, buscamos aqui entender como as publicações tendem

---

5 Foi utilizado o assistente de inteligência artificial (IA) generativa NotebookLM para realização dessa contagem. Para os conceitos, foi solicitado que o NotebookLM, a partir da base completa de textos, quantificasse os termos e as expressões mais recorrentes, com exclusão daqueles que não fossem considerados analíticos (por exemplo, «8 de janeiro»). Para os autores mais recorrentes, foi quantificado o número total de entradas bibliográficas presentes nas seções de referências do conjunto de publicações.

a caracterizar o fenômeno: tentativa de golpe de Estado, protesto, insurreição violenta etc.? Embora as publicações mobilizem interpretações múltiplas e recorrentemente sobrepostas, identificamos três categorias a partir da interpretação majoritariamente presente em cada publicação, conforme se observa na Tabela 1.

**TABELA 1.** Interpretações do 8 de janeiro

| Interpretação                    | Critério de classificação                                                                            | n. | %     |
|----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|-------|
| Ação coletiva                    | Enquadra o evento como expressão pública de ação coletiva.                                           | 12 | 36,4% |
| Normativo-jurídico-institucional | Caracteriza o evento a partir de sua relação com a ordem institucional, a legalidade e a democracia. | 11 | 33,3% |
| Discursivo-simbólica             | Caracteriza os discursos, crenças, valores, memórias e significados produzidos em torno do evento.   | 10 | 30,3% |

Verificamos a configuração de três conjuntos predominantes. O primeiro é composto por interpretações que associam o 8 de janeiro à ação coletiva, compreendendo o episódio como a expressão pública da «ação conjunta de pessoas visando interesses comuns» (Tilly, 1978, p. 7, *tradução nossa*). Neste conjunto são incluídas as publicações em que a problemática central é a própria mobilização em torno do 8 de janeiro e os significados em disputa. Trata-se principalmente de estudos que analisam os enquadramentos do evento pelas mídias corporativas (Barcelos, 2024; Brito, 2025; Teixeira, 2024; Portari *et al.*, 2024; Santos, 2024a; Serelle *et al.*, 2024), pelas mídias alternativas (Luiz, 2023), pelos atores que mobilizaram o 8 de janeiro (Ferrari, 2024) e pelos representantes do governo eleito em 2022 (Fernandes *et al.*, 2023), além de estudo que analisa a distribuição territorial das pessoas presentes no evento (Azevedo *et al.*, 2025).

Outro conjunto relevante de estudos propõe interpretações normativas e jurídico-institucionais, em que o 8 de janeiro é caracterizado centralmente a partir da oposição à ordem institucional, à legalidade e à democracia. Essas publicações, mais conectadas ao campo do direito, focam-se na interpretação do evento como «golpe de Estado» (Passetti e Lucato, 2023; Rezende, 2025), nas respostas do STF ao evento (Fiorio e Jacob, 2025; Prates, 2025) e nos impactos do 8 de janeiro sobre a segurança pública e a defesa nacional (Araújo e Balardim, 2024; Carvalho, 2024).

O terceiro conjunto de interpretações compreende o evento a partir dos significados discursivos e simbólicos produzidos, introjetados e disseminados pelos atores envolvidos no 8 de janeiro e seus oponentes. Essas interpretações são mais vinculadas às publicações do campo da

comunicação e da linguística, e, diferentemente da primeira interpretação —em que o foco está na ação coletiva promovida por pessoas, grupos e organizações envolvidos no episódio—, neste conjunto estão as publicações que se preocupam com crenças, valores e significados que constituem o «campo discursivo» ligado ao 8 de janeiro. Essas publicações focam-se sobre o evento como expressão da conformação de um campo de extrema direita (Dias, 2024; Souza e Leirner, 2024) e/ou fascista (Grischke, 2024), que mobiliza componentes mnemônicos, emocionais e valorativos (Carmelino e Ramos, 2023; Grigoletto e Carneiro, 2025; Camargo Penteado *et al.*, 2025; Souza, 2024).

Essa distribuição indica que a literatura sobre o 8 de janeiro está, em grande medida, preocupada com as próprias interpretações ou enquadramentos do evento (dos pontos de vista teórico, empírico e normativo). Faltam, porém, reconstruções empíricas mais detalhadas e sistemáticas do evento, assim como interpretações processuais e histórico-estruturais que identifiquem o 8 de janeiro como a culminação de processos políticos de média ou longa duração. Essa ausência sugere uma tendência à análise mais imediata e episódica do evento em detrimento de abordagens de mais longo prazo, como será desenvolvido em seções posteriores.

**b) Problemas de pesquisa**

Quanto aos problemas de pesquisa, buscamos sistematizar aquilo que os estudos buscam explicar em suas análises. Identificamos, conforme se verifica na Tabela 2, seis categorias centrais de problemas.

**TABELA 2.** Problemas de pesquisa

| Problema                                                               | Critério de classificação                                                                                                                       | n. | %     |
|------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|-------|
| Disputas narrativas e enquadramentos midiáticos                        | Investiga como diferentes atores constroem, disputam e disseminam interpretações sobre o 8 de janeiro nos meios de comunicação.                 | 12 | 36,4% |
| Produções discursivas, identidade coletiva e sentidos da ação política | Analisa discursos, identidades, crenças e significados associados ao evento e à ação de seus participantes.                                     | 10 | 30,3% |
| Democracia, instituições e constitucionalidade                         | Investiga os impactos do evento sobre a democracia, as instituições, a ordem constitucional, bem como as respostas institucionais ao episódio.  | 6  | 18,2% |
| Plataformas digitais e mediação algorítmica                            | Analisa o papel das plataformas digitais, redes sociais e mecanismos algorítmicos na produção e circulação de conteúdos relacionados ao evento. | 2  | 6,1%  |

|                           |                                                                                                              |   |      |
|---------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|------|
| Desafios metodológicos    | Discute problemas, possibilidades ou estratégias metodológicas relacionados à pesquisa sobre o 8 de janeiro. | 2 | 6,1% |
| Estruturas de mobilização | Investiga processos organizativos, recursos e condições de mobilização dos atores envolvidos.                | 1 | 3,0% |

As publicações que analisam disputas narrativas e enquadramentos midiáticos buscam investigar como diferentes atores constroem, disputam e disseminam interpretações sobre o 8 de janeiro nos meios de comunicação. Entre as questões centrais desses estudos, estão os processos de enquadramento das mídias corporativas do evento (Barcelos, 2024; Formiga *et al.*, 2024; Teixeira, 2024; Portari *et al.*, 2024; Serelle *et al.*, 2024), a produção e a disseminação de enquadramentos pelos atores que mobilizaram o 8 de janeiro ou por seus opositores (Fernandes *et al.*, 2023; Ferrari, 2024), e o papel da desinformação, seja na promoção do evento (Mendes *et al.*, 2024), seja no desenvolvimento de formas de combate e checagem a esse tipo de conteúdo (Luiz, 2023). Esses dados indicam uma convergência entre a compreensão do 8 de janeiro como ação coletiva e os problemas de pesquisa que buscam investigar a construção e difusão das interpretações em torno dessa ação.

A segunda categoria de problema mais recorrente aborda produções discursivas, identidade coletiva e sentidos da ação política, examinando como o «campo discursivo» construído e incorporado pelos atores promotores e participantes do 8 de janeiro impulsionou e justificou a mobilização. Essas publicações, que estão fortemente relacionadas às interpretações discursivas e simbólicas do 8 de janeiro, investigam como esses elementos compõem a gramática da direita (Souza e Leirner, 2024), da extrema direita (Dias, 2024; Souza, 2024), do bolsonarismo (Ribeiro e Assolini, 2024), do autoritarismo (Brito, 2025) e/ou do fascismo (Grischke, 2024), envolvendo a disputa de valores —como «liberdade», «democracia» (Camargo Penteado *et al.*, 2025) e «patriotismo» (Souza e Leirner, 2024)— e de sentidos —como «violência» (Souza, 2024) e «intervenção federal» (Grigoletto e Carneiro, 2025; Souza e Leirner, 2024).

A terceira categoria mais frequente aborda democracia, instituições e constitucionalidade, reunindo principalmente publicações que examinam a atuação das instituições democráticas diante dos atos associados ao 8 de janeiro. Nesse ponto, o papel e os limites da atuação do STF em defesa da democracia são centralmente investigados (Fiorio e Jacob, 2025; Prates, 2025), além de haver debates sobre a configuração do tipo penal «golpe de Estado» (Passetti e Lucato, 2023; Rezende, 2025) e sobre a

responsabilização e os impactos do 8 de janeiro no âmbito da segurança pública (Araújo e Balardim, 2024; Carvalho, 2024). Esse conjunto tende à correspondência com os estudos que adotam interpretações normativas e jurídico-institucionais para o evento.

As demais categorias aparecem de forma residual. Os estudos sobre plataformas digitais e mediação algorítmica analisam o digital não como canal neutro de circulação de mensagens, mas como estrutura sociotécnica que incentiva, modula ou restringe a ação coletiva. Nesse conjunto se enquadram estudos sobre estratégias midiáticas para «furar bolhas de informação» dos grupos que promoveram o 8 de janeiro (Santos, 2024a) e sobre o papel das big techs na propulsão de mensagens ligadas ao 8 de janeiro (Santos, 2024b). As publicações sobre desafios metodológicos investigam as possibilidades e os limites de métodos e técnicas para estudo do 8 de janeiro, como a construção de um banco de dados no X (antigo *Twitter*) (Rota e Nicodemo, 2023) e a antropologia digital (Scheren *et al.*, 2024). Por fim, um estudo investiga centralmente as estruturas de mobilização —ou seja, os recursos organizacionais, materiais e relacionais que viabilizam e sustentam a ação coletiva (Alonso, 2009)—, ao identificar, pelo perfil geográfico dos participantes do evento, que o peso da agropecuária no produto interno bruto (PIB municipal), a proximidade geográfica com o DF e a infraestrutura rodoviária foram fatores que viabilizaram a mobilização de pessoas para Brasília (Azevedo *et al.*, 2025).

A distribuição dos problemas de pesquisa reforça a tendência de análises focadas em disputas interpretativas, discursivas e normativas. Do ponto de vista do campo dos movimentos sociais e da ação coletiva, por outro lado, identificamos lacunas quanto a estudos que investiguem os repertórios da ação coletiva (por exemplo, as escolhas táticas dos ativistas), as formas de controle não limitadas à dimensão jurídico-normativa (por exemplo, o policiamento e a facilitação dos atos disruptivos pelas forças de segurança do DF) e as estruturas de mobilização que viabilizaram a ocorrência do 8 de janeiro (por exemplo, processos organizativos e recursos mobilizados).

### c) Métodos

Para sistematização dos métodos utilizados pela literatura, fizemos uma divisão entre fontes e técnicas de análise. A distribuição de fontes, cujos resultados constam na Tabela 3 abaixo, baseia-se na principal fonte do estudo —ou seja, quando mais de uma fonte é mencionada, o estudo é classificado naquela que foi centralmente analisada. De modo geral, a literatura mapeada apoia-se predominantemente em fontes secundárias (especialmente cobertura jornalística e bibliografia acadêmica), enquanto

pesquisas baseadas em coleta direta de dados, como entrevistas e observação de campo, permanecem minoritárias.

TABELA 3. Métodos - fontes

| Fontes utilizadas                             | n. | %     |
|-----------------------------------------------|----|-------|
| Conteúdo de mídia jornalística                | 9  | 27,3% |
| Fontes bibliográficas                         | 9  | 27,3% |
| Dados de plataformas digitais e redes sociais | 8  | 24,2% |
| Documentos institucionais e jurídicos         | 4  | 12,1% |
| Entrevistas e/ou pronunciamentos              | 2  | 6,1%  |
| Observações e interações em campo             | 1  | 3,0%  |

Esse resultado, por um lado, pode estar relacionado à profusão de informações sobre o evento em fontes jornalísticas e bibliográficas, uma vez que o caráter disruptivo e antidemocrático do evento de 8 de janeiro conferiu alta visibilidade aos atos. Além disso, dado o caráter recente do evento, é esperado que as pesquisas iniciais sejam focadas nas fontes públicas disponíveis. Esse acúmulo de informações tem o potencial de ser organizado em bases de dados que analisem principalmente as disputas interpretativas sobre o evento, como visto nas seções anteriores. Destaca-se a raspagem de dados em plataformas digitais e redes sociais, um instrumento com potencial de gerar grandes bases de dados (*big data*) que não seriam acessíveis sem o desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs)<sup>6</sup>.

Por outro lado, a predominância de fontes secundárias indica limitações importantes, como a análise de materiais que já passaram por interpretações dos seus produtores (como fontes jornalísticas) e a tendência de ênfase sobre os elementos mais visíveis do fenômeno estudado. Aspectos centrais para a análise da ação coletiva, como mecanismos de mobilização, processos organizativos e escolhas táticas, dificilmente podem ser acessados e analisados sem entrevistas, observação de campo, etnografia ou reconstruções processuais mais densas. Esses dados também parecem apontar para a dificuldade de acesso a informantes (por exemplo, atores que financiaram, promoveram ou participaram do 8 de

6 A coleta de dados em TICs, porém, tem sido dificultada pelas big techs, cujas políticas de acesso restritivo, opacidade algorítmica, limitação de APIs (*Application Programming Interfaces*) e controle proprietário impõem barreiras técnicas, jurídicas e metodológicas à pesquisa científica.

janeiro), o que não é surpreendente, dado o caráter sensível das informações e as implicações jurídico-criminais do evento.

A distribuição de técnicas de análise, cujos resultados podem ser visualizados na Tabela 4, também é baseada na principal técnica empregada no estudo. De modo geral, verificamos o predomínio de técnicas de análise textual, como análise de conteúdo e análise de discurso.

**TABELA 4.** Métodos - técnicas de análise

| Técnicas de Análise         | n. | %     |
|-----------------------------|----|-------|
| Análise de conteúdo         | 9  | 27,3% |
| Revisão ou análise teórica  | 9  | 27,3% |
| Análise de discurso         | 8  | 24,2% |
| Análise de redes digitais   | 3  | 9,1%  |
| Análise jurídico-documental | 2  | 6,1%  |
| Análise espacial            | 1  | 3,0%  |
| Etnografia                  | 1  | 3,0%  |

Esses dados são convergentes com os achados anteriormente expostos. Uma vez que as principais fontes são documentais, é recorrente que técnicas de análise textual sejam empregadas. Ademais, verificamos uma clivagem epistemológica na escolha da abordagem analítica: estudos que investigam disputas narrativas e enquadramentos midiáticos tendem a mobilizar a técnica de análise de conteúdo, enquanto estudos que examinam produções discursivas, identidade coletiva e sentidos da ação política tendem a mobilizar a análise de discurso. Outro grupo relevante de estudos é composto por revisões bibliográficas ou análises teóricas, as quais mobilizam centralmente fontes bibliográficas.

As técnicas de análise que aparecem residualmente apontam para o potencial da diversificação metodológica dessa literatura. Embora, como demonstrado na Tabela 3, haja uma quantidade significativa de estudos cuja fonte são dados de plataformas digitais e redes sociais, a maior parte desses casos mobiliza técnicas de análise textual, sendo poucos os que realizam análise de redes digitais (por exemplo, para investigar o papel das plataformas digitais e da mediação algorítmica sobre a ação coletiva). A baixa recorrência de análises jurídico-documentais ocorre porque a maior parte dos estudos sobre democracia, instituições e constitucionalidade mobiliza a revisão teórica, e não o exame sistemático de documentos jurídicos e institucionais. Por fim, estudos que se baseiam em análise espacial e etnografia, embora também residuais, têm o potencial de

incorporar dimensões pouco observáveis pelas demais técnicas, como a importância do território para a mobilização e as práticas sociais em contexto —por exemplo, o que os atores fazem, como interpretam o que fazem e como suas ações se organizam no cotidiano.

#### d) Conceitos e autores mobilizados

A análise dos principais conceitos mobilizados na literatura indica a presença de três eixos conceituais principais: político-ideológico, jurídico-normativo e comunicacional. O predomínio de conceitos como democracia, bolsonarismo e desinformação sugere que o evento tem sido interpretado prioritariamente como crise do regime democrático, expressão do bolsonarismo e disputa política, enquanto conceitos clássicos dos estudos da ação coletiva e dos movimentos sociais permanecem relativamente menos centrais.

#### Número estimado de ocorrências

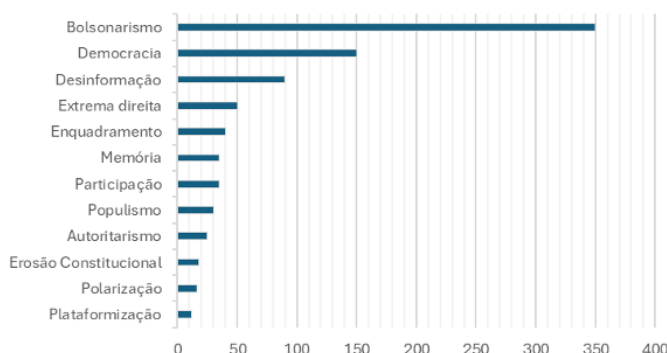


**FIGURA 1.** Principais conceitos mobilizados

O eixo político-ideológico envolve os conceitos que situam o 8 de janeiro como expressão de determinado campo ideológico, como «bolsonarismo» ou «extrema direita», de certas características políticas desse campo, como «autoritarismo» ou «populismo», ou do contexto político mais amplo, como «participação» e «polarização». O peso do conceito de bolsonarismo, entendido como a ideologia baseada nas concepções políticas de Jair Bolsonaro (como a nostalgia da ditadura militar e uma percepção de «nós contra eles», em que o líder incorpora a «voz do povo» contra um inimigo comum) (Formiga *et al.*, 2024), indica uma forte associação da literatura entre ser apoiador de Jair Bolsonaro e participar do 8 de janeiro (Ribeiro e Assolini, 2024; Dias, 2024; Ferrari, 2024; Formiga *et al.*, 2024; Teixeira, 2024; Camargo Penteado *et al.*, 2025). A recorrente presença do conceito de extrema direita indica que a literatura tende a

correlacionar o bolsonarismo a esse campo ideológico (Dias, 2024; Portari *et al.*, 2024), embora o 8 de janeiro apareça mais como uma expressão do campo bolsonarista no interior da extrema direita brasileira. As discussões sobre populismo e autoritarismo envolvem também centralmente a figura de Jair Bolsonaro e são associadas à desinformação (Luiz, 2023) e à violência (Azevedo *et al.*, 2025). A participação é abordada especificamente em Evangelista e Quaresma (2024), para analisar a instrumentalização da ideia de participação nos atos antidemocráticos e, por outro lado, a mobilização de meios de denúncia pelos oponentes do 8 de janeiro. Já a concepção de polarização é mobilizada como contexto que fomenta a instabilidade e o acirramento das disputas políticas que culminam no 8 de janeiro (Araújo e Balardim, 2024; Formiga *et al.*, 2024).

O eixo comunicacional abrange conceitos que indicam o foco da literatura em compreender como diferentes atores produziram, disputaram e disseminaram interpretações sobre o 8 de janeiro, envolvendo termos como «desinformação», «enquadramento», «memória» e «plataformização». O mais recorrente dentre eles é o conceito de desinformação, em estudos que interpretam que o 8 de janeiro, em parte, é resultante da disseminação massiva de informações falsas (Luiz, 2023; Mendes *et al.*, 2024), como aquelas ligadas aos ataques à integridade eleitoral (Ferrari, 2024). Essa discussão tem relação próxima com o debate sobre plataformação, o qual enfatiza o papel das infraestruturas e mediações sociotécnicas, principalmente das redes sociais digitais, na produção e disseminação de informações ligadas ao 8 de janeiro (Ferrari, 2024; Camargo Penteado *et al.*, 2025; Santos, 2024b; Scheren *et al.*, 2024). Os conceitos de enquadramentos e de memória estão associados às abordagens metodológicas mobilizadas para a análise das disputas interpretativas, com enquadramentos sendo mais associados à análise de conteúdo (Ferrari, 2024; Serelle *et al.*, 2024) e memória sendo mais associada à análise de discurso (Grigoletto e Carneiro, 2025).

O eixo jurídico-normativo envolve centralmente os conceitos que identificam o tensionamento entre o 8 de janeiro e a ordem institucional e democrática, como «democracia» e «erosão constitucional». A identificação de democracia como o segundo termo mais frequente na literatura reforça a centralidade da interpretação do evento pela literatura, tanto como ataque ao regime democrático (Grischke, 2024; Mendes *et al.*, 2024; Portari *et al.*, 2024) quanto como episódio que demanda a responsabilização dos envolvidos e a defesa da democracia (Brito, 2025; Fernandes *et al.*, 2023; Prates, 2025). O conceito de erosão constitucional especifica esse debate ao tratar o 8 de janeiro como expressão de um processo de ataque à Constituição de 1988.

Observamos, nesse conjunto, a baixa centralidade dos conceitos clássicos do campo dos movimentos sociais e da ação coletiva. Embora apareçam referências principalmente à participação (Evangelista e Quaresma, 2024) e ao enquadramento da ação coletiva (Ferrari, 2024; Serelle *et al.*, 2024), o banco revela presença reduzida de categorias tradicionalmente centrais para a explicação de processos de mobilização, como estruturas de mobilização (Almeida, 2019; McCarthy e Zald, 1977), estrutura de oportunidades políticas (Tarrow, 2009), repertório de confronto (Alonso, 2012; Tilly, 2006), engajamento (Sawicki e Siméant, 2011) e repressão (Earl, 2011). Em consequência, a tendência é que se saiba mais sobre como o evento foi significado, classificado e debatido publicamente do que sobre como foi organizado, sustentado e operacionalizado como forma de ação coletiva.

A análise dos principais autores referenciados também indica a presença de quatro eixos centrais: populismo e crise democrática, processos comunicacionais, análise de discurso e constitucionalismo. Esses conjuntos são uma representação possível das conexões entre os autores, embora muitos deles circulem por mais de um eixo.

### Número de entradas bibliográficas

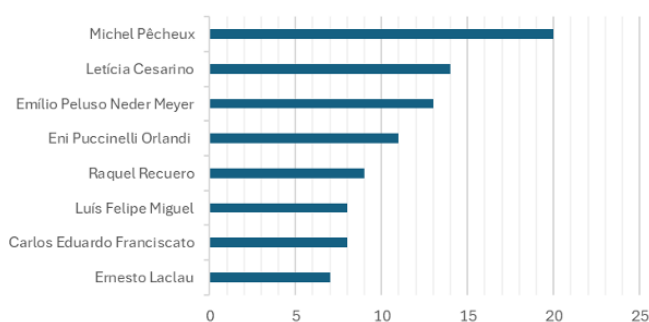


**FIGURA 2.** Principais autores referenciados

Autores como Letícia Cesarino, Luís Felipe Miguel e Ernesto Laclau são mobilizados centralmente no eixo de populismo e crise democrática. Enquanto Miguel (2014) é relevante para o debate sobre os limites da representação política no Brasil, Laclau e Cesarino são referências centrais sobre a emergência de atores e respostas populistas a cenários de crise. A obra de Laclau (2001) oferece instrumentos para pensar como identidades coletivas são articuladas politicamente a partir de demandas heterogêneas, e Cesarino (2020, 2022) tem trabalhado com o conceito de «populismo digital» para compreender como as transformações nas TICs produzem formas específicas de populismo, em especial no campo bolsonarista.

A discussão sobre processos comunicacionais é articulada principalmente aos estudos que abordam o papel das plataformas digitais e da mediação algorítmica no 8 de janeiro, envolvendo autores como Cesarino, Raquel Recuero e Carlos Eduardo Franciscato. Além da já mencionada contribuição de Cesarino com o conceito de «populismo digital», podemos salientar os trabalhos de Recuero sobre o funcionamento das redes sociais (especialmente o X, antigo Twitter), a formação de bolhas de filtragem e as estratégias de desinformação política (Recuero, 2020; Recuero *et al.*, 2017). Franciscato (2014) contribui especificamente para a compreensão dos impactos das transformações digitais para o campo do jornalismo.

A presença de Michel Pêcheux e Eni Puccinelli Orlandi evidencia a centralidade da tradição da análise de discurso na interpretação do 8 de janeiro, como demonstrado na seção sobre métodos mobilizados pela literatura. Trata-se de uma abordagem interessada menos em verificar a veracidade imediata dos enunciados e mais em compreender como sentidos políticos são produzidos, incorporados e disputados (Orlandi, 2012; Pêcheux, 2019).

Ainda, a referência mais citada no eixo de constitucionalismo é Emílio Meyer. O autor contribui principalmente para as discussões sobre erosão constitucional e constitucionalismo iliberal, sendo este entendido como o uso estratégico das instituições para favorecer práticas autoritárias (Meyer, 2021, 2022).

Assim como analisado nos conceitos, a identificação de autores mais referenciados indica que o campo de estudos de movimentos sociais e ação coletiva ainda assume posição relativamente marginal nessa literatura. Embora autores como Raquel Recuero, Letícia Cesarino e Luís Felipe Miguel possam dialogar com agendas do campo ao abordar os impactos das redes digitais, do populismo e da crise democrática para os processos de mobilização, a literatura sobre o 8 de janeiro tem sido estruturada principalmente por abordagens que estabelecem conexões indiretas com a discussão sobre ação coletiva.

#### **e) Resultados**

Para a análise dos resultados dos estudos, as publicações foram subdivididas em três subcategorias, conforme se observa na Tabela 5.

**TABELA 5.** Resultados

| Resultado                                       | Critério de classificação                                                                                                                     | n. | %     |
|-------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|-------|
| Resultados empíricos                            | Estudos cuja principal contribuição é a descrição, sistematização e caracterização de aspectos empiricamente observáveis do objeto analisado. | 16 | 48,5% |
| Resultados teóricos gerais                      | Estudos que desenvolvem proposições teóricas, não fundamentadas em análise empírica sistemática.                                              | 14 | 42,4% |
| Resultados teóricos empiricamente fundamentados | Estudos em que os achados empíricos são mobilizados para construir, tensionar, refinar ou propor argumentos teóricos.                         | 3  | 9,1%  |

As publicações com resultados empíricos são aquelas que empreendem esforços de sistematização de aspectos ligados ao 8 de janeiro, como os textos que reconstróem as disputas de enquadramento interpretativo (Fernandes *et al.*, 2023; Ferrari, 2024; Portari *et al.*, 2024), o papel das plataformas digitais (Rota e Nicodemo, 2023; Scheren *et al.*, 2024) e as respostas institucionais ao 8 de janeiro (Prates, 2025). As publicações com resultados teóricos gerais propõem debates teórico-conceituais sobre temas como memória (Grigoletto e Carneiro, 2025), fascismo (Grischke, 2024) e desinformação (Mendes *et al.*, 2024), sem desenvolver análise empírica sistemática. Os estudos com resultados teóricos empiricamente fundamentados mobilizam a análise empírica sistemática para construir, tensionar, refinar ou propor argumentos teóricos. Tais publicações propõem questionamentos às concepções arquitetônicas subjacentes à resposta ao 8 de janeiro (Costa, 2024), refletem sobre a formação de um campo discursivo à direita associado ao militarismo intervencionista (Souza e Leirner, 2024) e relacionam o ressentimento e a violência populista a padrões territoriais (Azevedo *et al.*, 2025).

A Tabela 5, ao sintetizar a distribuição dos casos, mostra dois polos predominantes: textos com resultados empíricos e com resultados teóricos gerais. Esse padrão sugere que a literatura sobre o 8 de janeiro ainda se encontra, em grande medida, voltada à descrição e organização dos fenômenos observados. Considerando que se trata de um evento recente, é esperado que parte significativa das pesquisas tenha se concentrado inicialmente na sistematização de evidências, no mapeamento de práticas e na caracterização dos acontecimentos. Ao mesmo tempo, a presença significativa de resultados teóricos gerais indica que há um esforço no sentido oposto, de interpretação do episódio a partir de debates e conceitos abstratos, em uma perspectiva mais dedutiva do que indutiva. Por fim, a baixa incidência de estudos classificados como resultados teóricos

empiricamente fundamentados aponta que essa literatura ainda está em processo de consolidação, com tentativas iniciais de articulação entre empiria e teoria.

## Discussão

O retrato sistemático da literatura sobre o 8 de janeiro nos permite tecer considerações sobre como o aparato conceitual e teórico do campo dos movimentos sociais e da ação coletiva é (ou não) mobilizado nessa literatura. Como visto, os problemas de pesquisa formulados giram em torno de três eixos principais (disputas narrativas; produções discursivas; e democracia e instituições), e metodologicamente há um foco em fontes secundárias, analisadas a partir de métodos textuais (análise de conteúdo e análise de discurso). Tais características, por um lado, fazem com que o campo dos movimentos sociais seja especialmente útil para analisar disputas interpretativas sobre a ação coletiva, uma vez que o instrumental desenvolvido por esse campo tem o potencial de auxiliar no mapeamento sistemático de molduras interpretativas e na análise dos elementos estratégicos e simbólico-culturais dos processos de organização e mobilização social (Silva *et al.*, 2017). Não por acaso, o conceito de enquadramento interpretativo da ação coletiva (Benford e Snow, 2000; Snow *et al.*, 1986; Snow e Benford, 1992) é recorrentemente mobilizado, seja para análise dos enquadramentos midiáticos do evento, seja para análise dos enquadramentos dos atores promotores do 8 de janeiro e seus oponentes. Por outro lado, o diagnóstico geral é de uma posição relativamente marginal do campo dos movimentos sociais e da ação coletiva no estudo do 8 de janeiro. Tal resultado indica potencialidades e limitações do campo em relação a esse objeto empírico.

Quanto às potencialidades, há um amplo espaço para o desenvolvimento de pesquisas que sistematizem e expliquem as condições de emergência, as características e as dinâmicas do 8 de janeiro para além das disputas interpretativas, a partir de categorias do campo dos movimentos sociais e da ação coletiva. A seguir, indicamos exemplos dessas potencialidades.

Investigações sobre as estruturas de mobilização (Almeida, 2019; McCarthy e Zald, 1977) do 8 de janeiro permitiram identificar os recursos organizacionais, financeiros e simbólicos que promoveram e sustentaram a mobilização de milhares de pessoas para Brasília, como realizado por Azevedo *et al.* (2025). A análise da estrutura de oportunidades políticas (Tarrow, 2009) auxiliaria na reconstrução dos processos históricos, institucionais e políticos que culminaram no 8 de janeiro, situando a mobilização prévia ao evento (como os acampamentos bolsonaristas em frente

a quartéis militares, em 2022) no ambiente político mais amplo e superando o ponto de vista episódico, que tende a se limitar ao que ocorreu imediatamente antes e após o 8 de janeiro<sup>7</sup>. O estudo do engajamento militante (Sawicki e Siméant, 2011) permitiria pesquisar o alinhamento entre as trajetórias biográficas dos indivíduos participantes do 8 de janeiro e as ideias e formas de ação mobilizadas naquele episódio. A investigação sobre os repertórios de confronto (Alonso, 2012; Tilly, 2006) possibilitaria analisar as escolhas táticas empregadas, as *performances* e os processos de experimentação e radicalização relacionados aos atos disruptivos na sede dos Três Poderes. O estudo da repressão (Earl, 2011; Fernandes, 2020) permitiria, por sua vez, investigar como e em que medida as autoridades políticas e policiais operaram na prevenção, facilitação e/ou repressão ao 8 de janeiro e seus atos preparatórios, influenciando a forma como o episódio se desenrolou.

Para que essas «oportunidades analíticas» sejam aproveitadas, entendemos que as pesquisas sobre o 8 de janeiro avançariam com duas frentes: a formulação de novos problemas de pesquisa, que articulem os conceitos acima mencionados ao estudo do evento, e a diversificação de fontes e técnicas de análise, com a ampliação de estudos que mobilizem fontes primárias, as quais permitam o acesso a informações menos visíveis ao debate público. Nesse ponto, o acesso a informantes qualificados é um desafio significativo, dado o caráter sensível e as implicações jurídico-criminais do evento.

Quanto às limitações, os resultados indicam, ao mesmo tempo, certa insuficiência das categorias e abordagens do campo dos movimentos sociais para enfrentar os desafios analíticos de um fenômeno como o 8 de janeiro. É já sabido que esse campo historicamente privilegiou a análise da mobilização de grupos progressistas, de esquerda ou «minoritários», secundarizando a mobilização contestatória de grupos dominantes ou conservadores (Silva e Pereira, 2020). Assim, o campo é relativamente tomado pelo pressuposto de que as formas de mobilização social operam «dentro das quatro linhas do jogo democrático», sendo vistas, portanto, como legítimas e, em alguma medida, normativamente desejáveis. Ao mesmo tempo, a gramática conceitual do campo é fundamentada em

---

7 Reconhecemos que, em parte, o foco episódico da literatura pode ser resultante do viés de construção do banco de publicações, uma vez que «8 de janeiro» foi a expressão utilizada para a realização das buscas. Esse recorte pode ter excluído textos que abordam mobilizações relacionadas ao 8 de janeiro a partir do ponto de vista processual, sem necessariamente nomear o episódio do 8 de janeiro. Também reconhecemos que, para fins de coleta de dados, observar e participar de atos preparatórios, como os acampamentos bolsonaristas em frente a quartéis militares em 2022, constitui um desafio significativo.

uma concepção «tradicional» de ação coletiva, baseada em práticas e processos organizacionais dos grupos e movimentos usualmente estudados. Tais «lentes» conceituais tendem a se tornar imprecisas (ou a simplesmente não «capturar») diante de mobilizações antidemocráticas cujo modelo organizacional não se enquadra em uma concepção tradicional de «movimento social» e nas quais plataformas digitais parecem assumir caráter central, como o 8 de janeiro. Essa questão abre espaço para debates como as ambivalências da participação em um contexto de crise democrática (Mendonça e Domingues, 2022), a «dataficação da vida» (Lemos, 2021) e as dinâmicas dos populismos digitais (Marques *et al.*, 2025), interpelando o campo dos movimentos sociais com estes, entre outros, dilemas: um evento em que seus participantes expressam publicamente uma demanda coletiva antidemocrática pode ser definido como protesto? A rede informal de interações entre indivíduos, grupos e organizações que promoveram os atos de 8 de janeiro configura movimento social? As ações promovidas por esse conjunto de indivíduos, grupos e organizações constituem ações coletivas contestatórias? As táticas disruptivas e violentas mobilizadas passaram a integrar o repertório de confronto desses grupos?

Embora não seja objetivo deste artigo responder a tais questões, identificamos também duas frentes nas quais o campo dos movimentos sociais pode avançar para pesquisar o 8 de janeiro e eventos similares: reconhecer esse tipo de episódio (e os processos a ele articulados) como objeto próprio de investigação do campo, inclusive para poder diferenciar tal fenômeno de outros tradicionalmente estudados pelo campo; analisar criticamente, adaptar e reformular os instrumentos teóricos desenvolvidos para o estudo da ação coletiva «tradicional», diante dos desafios que novos fenômenos empíricos apresentam.

### **Considerações finais**

Este artigo buscou investigar como a literatura científica tem enquadrado e interpretado o 8 de janeiro. Especificamente, objetivou analisar como o aparato conceitual e teórico do campo dos movimentos sociais e da ação coletiva é mobilizado nessa literatura e, por outro lado, como esse campo tanto pode contribuir para as análises em torno do 8 de janeiro quanto limitá-las. Para tanto, foi realizada uma revisão sistemática da literatura sobre o 8 de janeiro a partir das seguintes variáveis: interpretações do 8 de janeiro; problemas de pesquisa; métodos (subdivididos em fontes e técnicas de análise); conceitos e autores mobilizados; e resultados.

As principais interpretações do 8 de janeiro na literatura situam o evento a partir de três categorias: ação coletiva, normativo-jurídico-institucional, e discursivo-simbólica. Em sentido similar, os problemas formulados

pelos estudos tendem a se concentrar em três questões centrais: disputas narrativas e enquadramentos midiáticos, democracia, instituições e constitucionalidade, e produções discursivas, identidade coletiva e sentidos da ação política. Do ponto de vista metodológico, predominam pesquisas baseadas em análise documental, materiais jornalísticos, textos acadêmicos e dados digitais públicos, frequentemente articulados a técnicas de análise textual e discursiva.

Quanto aos conceitos e autores mobilizados, a literatura operacionaliza principalmente conceitos em torno de três eixos: político-ideológico, jurídico-normativo e comunicacional. Os autores mais mobilizados são referências nos debates sobre populismo e crise democrática, processos comunicacionais, análise de discurso e constitucionalismo. Em relação aos resultados obtidos nas pesquisas, há principalmente uma divisão entre estudos que apresentam resultados empíricos e estudos que chegam a resultados teóricos gerais.

O diagnóstico é de que o campo dos movimentos sociais e da ação coletiva ocupa uma posição relativamente periférica nessa literatura, e o único conceito do campo centralmente mobilizado é o de enquadramento interpretativo da ação coletiva (Benford e Snow, 2000; Snow *et al.*, 1986; Snow e Benford, 1992). Identifica-se, assim, um amplo espaço para novas pesquisas que sistematizem e expliquem as condições de emergência, as características e as dinâmicas do 8 de janeiro a partir de categorias do campo dos movimentos sociais e da ação coletiva, como estruturas de mobilização (Almeida, 2019; McCarthy e Zald, 1977), estrutura de oportunidades políticas (Tarrow, 2009), engajamento (Sawicki e Siméant, 2011), repertório de confronto (Alonso, 2012; Tilly, 2006) e repressão (Earl, 2011; Fernandes, 2020). Para tanto, entendemos ser profícuo o desenvolvimento de duas frentes: a formulação de novos problemas de pesquisa articulados a esses conceitos e a diversificação de fontes e técnicas de análise para além daquelas que envolvem dados documentais.

Por outro lado, identificamos que a posição marginal do campo dos movimentos sociais na literatura sobre o 8 de janeiro é, em parte, também decorrente das limitações do próprio campo. Dado que as pesquisas sobre movimentos sociais historicamente privilegiaram a atuação de grupos progressistas com demandas democráticas, as «lentes» teóricas do campo parecem captar de modo insuficiente (e eventualmente não captar) fenômenos como o 8 de janeiro. A superação dessas limitações envolveria o reconhecimento desse tipo de episódio como objeto próprio de investigação do campo, bem como a análise crítica, a adaptação e a eventual reformulação dos instrumentos teóricos desenvolvidos para o estudo da ação coletiva «tradicional».

Entre as limitações deste estudo, destaca-se o recorte do banco analisado, restrito à produção acadêmica brasileira identificada nas bases e critérios de busca adotados, o que pode ter deixado de fora trabalhos relevantes publicados em outros repositórios, em formatos não indexados ou em circulação internacional. Ademais, trata-se de um campo ainda em formação, condicionado pela proximidade temporal do evento, de modo que novas publicações podem alterar tendências aqui identificadas, ampliar agendas emergentes ou redefinir o peso relativo de determinados enfoques analíticos.

### **Contribución de autoría**

Eduardo Georjão Fernandes participou em las fases de conceptualización, curación de datos, análisis de datos, investigación, metodología, administración de proyecto, supervisión, validación, visualización, redacción del borrador original, y redacción, revisión y edición del texto final.

Bianca Antunes Chaves participou em las fases de conceptualización, curación de datos, análisis de datos, investigación, metodología, visualización y redacción del borrador original.

Eduarda do Amaral Almeida participou em las fases de conceptualización, curación de datos, análisis de datos, investigación, metodología, visualización y redacción del borrador original.

Erykson Dyego Santos Sarafim participou em las fases de conceptualización, curación de datos, análisis de datos, investigación, metodología, visualización y redacción del borrador original.

Hanna Luisa Da Silva participou em las fases de conceptualización, curación de datos, análisis de datos, investigación, metodología, visualización y redacción del borrador original.

Tainara Mendes Alves participou em las fases de conceptualización, curación de datos, análisis de datos, investigación, metodología, visualización y redacción del borrador original.

### **Fuente de financiamiento**

INCT Participa (Processo: 406630/2022-4).

### **Potenciales conflictos de interés**

Ninguno.

### **Declaración de uso de IA**

No desenvolvimento do manuscrito, utilizou-se inteligência artificial generativa. Foi utilizado o assistente de inteligência artificial generativa NotebookLM para realização da contagem de conceitos e autores mais

recorrentes no corpus. Para os conceitos, foi solicitado que o Noteboo-kLM, a partir da base completa de textos, quantificasse os termos e as expressões mais recorrentes, com exclusão daqueles que não fossem considerados analíticos (por exemplo, «8 de janeiro»). Para os autores mais recorrentes, foi quantificado o número total de entradas bibliográficas presentes nas seções de referências do conjunto de publicações. Em nenhum caso se usou inteligência artificial generativa como geradora direta de conteúdo.

## **Agradecimientos**

Agradecemos os comentários das pareceristas anônimas, que contribuíram de forma substantiva para o aprimoramento do texto aqui apresentado. Destacamos que Eduardo Georjão Fernandes e Bianca Antunes Chaves são membros do INCT Participa (Processo: 406630/2022-4). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão do CNPq, a quem os autores agradecem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, P. D. (2019). *Social movements. The structure of collective mobilization*. University of California Press.
- Alonso, A. (2009). As teorias dos movimentos sociais: Um balanço do debate. *Lua Nova*, 76, 49-86. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452009000100003>
- Alonso, A. (2012). Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. *Sociologia & Antropologia*, 2(3), 21-41. <https://doi.org/10.1590/2238-38752012v232>
- Alonso, A. e Mische, A. (2017). Changing repertoires and partisan ambivalence in the new Brazilian protests. *Bulletin of Latin American Research*, 36(2), 144-159. <https://doi.org/10.1111/blar.12470>
- Araújo, I. V. de A. e Balardim, R. (2024). Os atos fascistas do 8 de janeiro de 2023: Uma análise sob a perspectiva de defesa e segurança nacional. *Conversas & Controvérsias*, 11(1), e45424. <https://doi.org/10.15448/2178-5694.2024.1.45424>
- Avritzer, L. (2025). *O golpe bateu na trave. Democracia, ordem e desordem no Brasil*. Autêntica.
- Azevedo, D. A. de, Mourad, A. I. e Resende, G. S. (2025). Geografia do ressentimento e violência populista: A invasão da Praça dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023. *Opinião Pública*, 31, e31123. <https://www.scielo.br/j/op/a/vxNtmzmDjrdnzLvHFDYyzmz/?lang=pt>
- Barcelos, J. D. (2024). Atos antidemocráticos: O 8 de janeiro nas capas de revistas semanais de informação – 2023 e 2024. *Rizoma*, 13(2), 6-23. <https://doi.org/10.17058/rzm.v13i2.19486>
- Benford, R. D. e Snow, D. A. (2000). Framing processes and social movements: An overview and assessment. *Annual Review of Sociology*, 26, 611-639. <https://fbaum.unc.edu/teaching/articles/AnnRevSoc-2000-Benford.pdf>
- Brito, A. P. (2025). A maioria da Democracia: Porque precisamos ativar continuamente as memórias sobre o 8 de janeiro? *Revista da UFMG*, 31, e64301. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/64301>
- Camargo Penteado, C. L. de, Elias de Souza, P. R., dos Santos, P. D. e Gabriel Homma, L. H. (2025). Democracia e liberdade em disputa nas redes: Uma análise da tentativa de golpe de Estado no Brasil em 2023. *Revista de Estudos Sociais*, 94, 23-43. <https://doi.org/10.7440/res94.2025.02>
- Carmelino, A. C. e Ramos, P. (2023). Do insulto ao ridículo, do ridículo à crítica humorística. *Revista do GELNE*, 25(1), e31953. <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2023v25n1ID31953>

Carvalho, M. A. F. de. (2024). *Reflexões sobre a omissão imprópria e a responsabilização penal nos atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023 em Brasília (Brasil)*. [Tese de Doutorado, Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa]. <https://repositorio.idp.edu.br/entities/publication/32f61b1c-5389-46da-93e7-d9964ffbb05d>

Cesarino, L. (2020). Como vencer uma eleição sem sair de casa: A ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, 1(1), 91-120. <https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Como-vencer-uma-eleic%CC%A7a%CC%83o-sem-sair-de-casa.pdf>

Cesarino, L. (2022). *O mundo do avesso. Verdade e política na era digital*. Ubu Editora.

Costa, E. A. (2024). Brasília, mon amour: Arquitetura brasileira após 8 de janeiro. *Novos Estudos CEBRAP*, 43(3), 525-540. <https://doi.org/10.25091/S01013300202400030007>

Cury, T. (7 de janeiro de 2024). Saiba quantas pessoas presas pelos atos de 8 de janeiro estão em liberdade. *CNN Brasil*. <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/saiba-quantas-pessoas-presas-pelos-atos-de-8-de-janeiro-estao-em-liberdade/>

Dias, R. O. de C. (2024). *Totalitarismo e a nova extrema-direita: uma análise do 8 de janeiro sob a ótica de Hannah Arendt*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília].

Earl, J. (2011). Political repression: Iron fists, velvet gloves, and diffuse control. *Annual Review of Sociology*, 37, 261-284. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.012809.102609>

Evangelista, R. e Quaresma, F. (2024). Uma espada de dois gumes: Uma análise teórica sobre participação no movimento antidemocrático de 8 de janeiro de 2023. *Contracampo*, 43(2), 1-20.

Fernandes, E. G. (2020). O repertório da ação policial: Contribuições da literatura sobre policiamento a protestos para o estudo da repressão política no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia*, 8(20), 102-127. <https://doi.org/10.20336/rbs.742>

Fernandes, E. G., Ferreira, N. C. e Luz, V. F. da (2023). Vigiar a democracia, punir o golpismo: Narrativas oficiais sobre o protesto de 08 de janeiro de 2023 na sede dos Três Poderes, em Brasília. *Revista de Políticas Públicas*, 27(2), 716-737. <https://doi.org/10.18764/2178-2865.v27n2.2023.40>

Fernandes, E. G. e Silva, M. K. (2024). Controlling Protest: Repertoire, Strategies, and Lessons from Policing the 2013-2014 Protests Cycle. *Dados*, 67(4), e20220006. <https://doi.org/10.1590/dados.2024.67.4.334x>

Ferrari, B. C. (2024). *Ação coletiva no WhatsApp e no Telegram: Os enquadramentos golpistas que prepararam o terreno para o 8 de janeiro*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília].

- Fiorio, F. M. C. e Jacob, A. (2025). Controle difuso e legitimidade democrática: a efetividade das críticas políticas ao Judiciário como mecanismo de freio ao ativismo pós-8 de janeiro. *REMUNOM*, 20(1), 1-16. <https://doi.org/10.61164/67v6h996>
- Formiga, E., Miranda, C. M. e Eddine, E. A. C. (2024). Dossiê 8 de janeiro de 2023: Democracia e resistência na cobertura jornalística ao vivo. *Brazilian Journalism Research*, 20(3). <https://doi.org/10.25200/BJR.v20n3.2024.1684>
- Franciscato, C. E. (2014). Inovações tecnológicas e transformações no jornalismo com redes digitais. *Revista GEINTEC*, 4(4), 1329-1339.
- G1. (8 de janeiro de 2023). O dia em que bolsonaristas invadiram o Congresso, o Planalto e o STF: Como isso aconteceu e quais as consequências. <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/01/08/o-dia-em-que-bolsonaristas-invadiram-o-congresso-o-planalto-e-o-stf-como-isso-aconteceu-e-qua-is-as-consequencias.gh.html>
- Grant, M. J. e Booth, A. (2009). A typology of reviews: An analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Information and Libraries Journal*, 26(2), 91-108. <https://doi.org/10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x>
- Grigoletto, E. e Carneiro, T. C. da C. (2025). Da evidência ao absurdo: Os efeitos da memória nos sentidos do enunciado intervenção federal. *Gragoatá*, 30(66), e65383. <https://doi.org/10.22409/gragoata.v30i66.65383.pt>
- Grischke, L. L. (2024). «Festa da Selma». Reflexões acerca da aplicação dos conceitos de fascismo e *fake news* aos ataques à democracia brasileira em 8 de janeiro de 2023. *Princípios*, 43(170), 222-238. <https://doi.org/10.14295/principios.2675-6609.2024.170.012>
- Laclau, E. (2001). *La razón populista*. Fondo de Cultura Económica.
- Lemos, A. (2021). Dataficação da vida. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, 21(2), 193-202. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39638>
- Luiz, T. C. (2023). O combate à desinformação sobre a tentativa de golpe: Intercorrências de pós-verdade, populismo e *fact-checking*. *Galáxia*, 48, e62879. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399674920014>
- Marques, M. de S., Nemer, D., Souza, A. T. e Silveira, F. L. (2025). Tecnopolíticas e configurações extremistas na era das plataformas digitais. *Revista de Estudios Sociales*, 94, 3-22. <https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/res/article/view/11232>
- McCarthy, J. D. e Zald, M. N. (1977). Resource mobilization and social movements: A partial theory. *American Journal of Sociology*, 82(6), 1212-1241. <https://doi.org/10.1086/226464>
- Mendes, C. M., Sanglard, F. N. e Costa, V. S. da. (2024). Desinformação e implicações para a democracia: Reflexões a partir dos atentados de 8 de janeiro. *Estudos Semióticos*, 20(2), 119-136.

- Mendonça, R. F. e Domingues, L. B. (2022). Protestos contemporâneos e a crise da democracia. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 37, 1-36.
- Meyer, E. P. N. (2021). *Constitutional erosion in Brazil*. Hart Publishing.
- Meyer, E. P. N. (2022). Constitucionalismo iliberal. *Revista Direito e Práxis*, 13, 2595-2622.
- Miguel, L. F. (2014). *Democracia e representação. Território em disputa*. Editora Unesp.
- Orlandi, E. P. (2012). *Análise de discurso. Princípios & procedimentos*. (10.<sup>a</sup> ed.). Pontes.
- Passetti, E. e Lucato, D. (2023). 8 de janeiro de 2023, um golpe de ar azedo. *Mnemosine*, 19(1), 2-35. <https://doi.org/10.12957/mnemosine.2023.76206>
- Pêcheux, M. (2019). *Análise automática do discurso*. Pontes.
- Pereira, M. M., Dowbor, M. W. e Szwako, J. (2023). Desafios metodológicos nos estudos de movimentos sociais: uma revisão de trabalhos apresentados em eventos científicos (2011-2020). *Política & Sociedade*, 22(53), 127-149. <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2023.e85503>
- Pereira, M. M. e Silva, M. K. (2022). Para Além dos Movimentos Sociais: reflexões sobre a literatura brasileira da década de 2010. *Ciências Sociais Unisinos*, 58(1). <https://doi.org/10.4013/csu.2022.58.1.02>
- Portari, R. D. L., Pedrini, J. C. B. F., Ferreira, F. V., Almeida, C. D. e Araújo, B. B. (2024). Extrema direita e atentado à democracia no Brasil: Acontecimento e construção de quadros de sentido na imprensa. *Intexto*, (56), e-135964. <https://doi.org/10.19132/1807-8583.56.135964>
- Prates, L. de S. (2025). *O Supremo Tribunal Federal e a defesa responsiva da democracia*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais].
- Recuero, R. (2020). #FraudenasUrnas: Estratégias discursivas de desinformação no Twitter nas eleições 2018. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 20(2), 383-406.
- Recuero, R., Zago, G. e Soares, F. (2017). Mídia social e filtros-bolha nas conversações políticas no Twitter. Em Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, *Anais do XXVI Encontro Anual da Com-pós*. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/166193>
- Rezende, R. H. (2025). Revolução frustrada ou tentativa de golpe de Estado - 8 e 9 de janeiro de 2023. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 9(12).
- Ribeiro, F. de O. e Assolini, F. E. P. (2024). Sem palavras: O silêncio do ex-presidente, após a eleição, pela ótica da análise de discurso. *Perspectivas em Diálogo*, 11(26), 305-320.

- Rota, A. R. e Nicodemo, T. L. (2023). Arquivos pessoais e redes sociais: O Twitter construído como documento histórico. *Estudos Históricos*, 36(79), 44-67. <https://doi.org/10.1590/S2178-149420230204>
- Santos, A. R. S. dos. (2024a). *Furar as bolhas: Estratégias jornalísticas contra o isolamento de grupos antidemocráticos nas eleições presidenciais brasileiras de 2022 e no 8 de janeiro de 2023*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe].
- Santos, V. V. V. dos. (2024b). Big techs, algoritmos de redes sociais e decorrentes impactos para a performatividade linguística. *Revista Linguagem em Foco*, 15(3), 97-114. <https://doi.org/10.46230/2674-8266-15-12107>
- Sawicki, F. e Siméant, J. (2011). Inventário da sociologia do engajamento militante. *Sociologias*, 13(28), 200-255.
- Scheren, M. L., Rodrigues, V. S., López Zamora, G. D., Cesarino, L., Nascimento, L. F., Fonseca, P. e Barreto, T. (2024). Métodos mistos para a antropologia digital: Um relato de experiência sobre a análise de grupos bolsonaristas na plataforma Telegram. *Horizontes Antropológicos*, 30(68), e680407. <https://doi.org/10.1590/1806-9983e680407>
- Serelle, M., Sena, E. e Scabin, N. L. C. (2024). Enquadramentos do 8 de janeiro: Uma análise comparada de documentários da Folha de S. Paulo e da GloboNews. *Esferas*, 14(31). <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/en/article/view/15296>
- Silva, M. K. (2010). De volta aos movimentos sociais? Reflexões a partir da literatura brasileira recente. *Ciências Sociais Unisinos*, 46(1), 2-9. <https://www.redalyc.org/pdf/938/93820632002.pdf>
- Silva, M. K., Cotanda, F. C. e Pereira, M. M. (2017). Interpretação e ação coletiva: O «enquadramento interpretativo» no estudo de movimentos sociais. *Revista de Sociologia e Política*, 25(61), 143-164. <https://doi.org/10.1590/1678-987317256102>
- Silva, M. K. e Pereira, M. M. (2020). Movimentos e contramovimentos sociais: o caráter relacional da conflitualidade social. *Revista Brasileira de Sociologia*, 8(20), 26-49. <https://doi.org/10.20336/rbs.647>
- Snow, D. A. e Benford, R. D. (1992). Master frames and cycles of protest. Em A. D. Morris e C. M. Mueller (eds.), *Frontiers in social movement theory* (pp. 133-155). Yale University Press.
- Snow, D. A., Rochford, E. B., Worden, S. K. e Benford, R. D. (1986). Frame alignment processes, micromobilization, and movement participation. *American Sociological Review*, 51(4), 464-481.
- Soares, G. (8 de janeiro de 2024). 8 de janeiro, um ano depois: Só 30 foram condenados por tentativa de golpe. *Congresso em Foco*. <https://www.congressoemfoco.com.br/noticia/7693/8-de-janeiro-um-ano-depois-so-30-foram-condenados-por-tentativa-de-golpe>

Souza, G. A. M. de e Leirner, P. (2024). Entre «patriotas»: Dos acampamentos ao 8/1. *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, 11(2), 187-222. <https://rbed.abedef.org/rbed/article/view/75396>

Souza, M. J. de. (2024). A extrema direita brasileira e o 8 de janeiro: Uma reflexão sobre a banalização da violência. *Linguagem & Ensino*, 27(3), 522-539. <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/download/27823/20642>

Teixeira, D. E. M. (2024). *Os atos de 8 de janeiro na narrativa de uma mídia conservadora: Contribuições da psicologia social*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul].

Tilly, C. (1978). *From mobilization to revolution*. Addison-Wesley.

Tilly, C. (2006). *Regimes and repertoires*. University of Chicago Press.

Vivas, F. (8 de janeiro de 2026). 8 de janeiro: Três anos depois, relembre quem já cumpre pena e quem foi condenado por trama golpista. *g1*. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2026/01/08/8-de-janeiro-tres-anos-relembre-quem-ja-cumpre-pena-e-quem-foi-condenado-por-trama-golpista.ghtml>

**Eduardo Georjão Fernandes** é Professor do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília.

**Bianca Antunes Chaves** é Graduanda do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília.

**Eduarda do Amaral Almeida** é Graduanda do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília.

**Erykson Dyego Santos Sarafim** é Graduando do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília.

**Hanna Luisa Da Silva** é Graduanda do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília.

**Tainara Mendes Alves** é Graduanda do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília.

*Recepción: 30/4/2026*  
*Aceptación: 30/8/2026*

Apêndice A. Publicações que compõem o corpus da revisão

| Artigos publicados em periódicos |                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                    |                                       |
|----------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------|
| Ano                              | Autores                                                                                                                                                       | Título / Periódico                                                                                                                                                                 | Área mãe                              |
| 2023                             | Alesson Ramon Rota, Thiago Lima Nicodemo                                                                                                                      | Arquivos pessoais e redes sociais: o Twitter construído como documento histórico / Revista Estudos Históricos                                                                      | História                              |
| 2023                             | Ana Cristina Carmelino, Paulo Ramos                                                                                                                           | Do insulto ao ridículo, do ridículo à crítica humorística / Revista do GELNE                                                                                                       | Linguística e Literatura              |
| 2023                             | Edson Passetti, Diego Lucato                                                                                                                                  | 8 de janeiro de 2023, um golpe de ar azedo / Mnemosine                                                                                                                             | Psicologia                            |
| 2023                             | Eduardo Georjão Fernandes, Cristiano Nicola Ferreira, Valentina Fonseca da Luz                                                                                | Vigiar a democracia, punir o golpismo: narrativas oficiais sobre o protesto de 08 de janeiro de 2023 na sede dos três poderes, em Brasília / Revista de Políticas Públicas da UFMA | Serviço Social                        |
| 2023                             | Fernanda Costa-Moura                                                                                                                                          | De antagonismos, deslocamentos e grilhões / Agora: Estudos em Teoria Psicanalítica                                                                                                 | Psicologia                            |
| 2023                             | Thiago Cury Luiz                                                                                                                                              | O combate à desinformação sobre a tentativa de golpe: intercorrências de pós-verdade, populismo e fact-checking / Revista Galáxia                                                  | Comunicação e Informação e Museologia |
| 2024                             | Eduarda Formiga, Cynthia Mara Miranda e Eder Ahmad Charaf Eddine                                                                                              | 8 de janeiro de 2023: democracia e resistência na cobertura jornalística ao vivo / Brazilian journalism research                                                                   | Comunicação e Informação e Museologia |
| 2024                             | Eduardo Augusto Costa                                                                                                                                         | Brasília, mon amour: Arquitetura brasileira após 8 de janeiro / Novos Estudos Cebrap                                                                                               | Sociologia                            |
| 2024                             | Maria Luiza Scheren, Virgínia Squizani Rodrigues, Gabriel Darío López Zamora, Leticia Cesarino, Leonardo Fernandes Nascimento, Paulo Fonseca, Társsio Barreto | Métodos mistos para a antropologia digital: um relato de experiência sobre a análise de grupos bolsonaristas na plataforma Telegram / Horizontes Antropológicos                    | Antropologia / Arqueologia            |
| 2024                             | Conrado Moreira Mendes, Fernanda Nalon Sanglard, Verônica Soares da Costa                                                                                     | Desinformação e implicações para a democracia: reflexões a partir dos atentados de 8 de janeiro / Estudos semióticos                                                               | Linguística e Literatura              |
| 2024                             | Márcio Serelle, Ercio Sena, Nara Lya Cabral Scabin                                                                                                            | Enquadramentos do 8 de janeiro: uma análise comparada de documentários da Folha de S. Paulo e da Globonews / Revista Esferas                                                       | Comunicação e Informação e Museologia |

|      |                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                        |                                            |
|------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------|
| 2024 | Igor Vieira de Almeida Araújo, Rafael Balardim                                                                                                              | Os atos fascistas do 8 de janeiro de 2023: uma análise sob a perspectiva de defesa e segurança nacional / Conversas & Controvérsias                                    | Sociologia                                 |
| 2024 | Fabiana de Oliveira Ribeiro, Filomena Elaine Paiva Assolini                                                                                                 | Sem palavras: o silêncio do ex-presidente, após a eleição, pela ótica da análise de discurso / Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade                | Educação                                   |
| 2024 | Guilherme Alessandro Moreira de Souza, Piero Leirner                                                                                                        | Entre «patriotas»: dos acampamentos ao 8/1 / Revista Brasileira de Estudos de Defesa                                                                                   | Ciência Política e Relações Internacionais |
| 2024 | Lucas Lopes Grischke                                                                                                                                        | «Festa da Selma»: Reflexões acerca da aplicação dos conceitos de fascismo e fake news aos ataques à democracia brasileira em 8 de janeiro de 2023 / Revista Princípios | Ciência Política e Relações Internacionais |
| 2024 | Mariana Jantsch de Souza                                                                                                                                    | A extrema direita brasileira e o 8 de janeiro: uma reflexão sobre a banalização da violência / Linguagem & Ensino                                                      | Linguística e Literatura                   |
| 2024 | Raquel Evangelista, Flaviano Quaresma                                                                                                                       | Uma espada de dois gumes: uma análise teórica sobre participação no movimento antidemocrático de 8 de janeiro de 2023 / Contracampo                                    | Comunicação e Informação e Museologia      |
| 2024 | Vinicius Vargas Vieira dos Santos                                                                                                                           | Big techs, algoritmos de redes sociais e decorrentes impactos para a performatividade linguística / Revista Linguagem em Foco                                          | Linguística e Literatura                   |
| 2024 | Rodrigo Daniel Levoti Portari, Jociene Carla Bianchini Ferreira Pedrini, Fernanda Vasquez Ferreira, Cristóvão Domingos de Almeida, Bruno Bernardo de Araújo | Extrema direita e atentado à democracia no Brasil: acontecimento e construção de quadros de sentido na imprensa / Intexto                                              | Comunicação e Informação e Museologia      |
| 2024 | Janaina Dias Barcelos                                                                                                                                       | Atos antidemocráticos: o 8 de janeiro nas capas de revistas semanais de informação – 2023 e 2024 / Rizoma                                                              | Comunicação e Informação e Museologia      |
| 2025 | Ana Paula Brito                                                                                                                                             | A maioria da Democracia: porque precisamos ativar continuamente as memórias sobre o 8 de janeiro? / Revista da UFMG                                                    | Interdisciplinar                           |
| 2025 | Claudio Luis de Camargo Penteado, Paulo Roberto Elias de Souza, Patrícia Dias dos Santos e Luana Hanaê Gabriel Homma                                        | Democracia e liberdade em disputa nas redes: uma análise da tentativa de golpe de Estado no Brasil em 2023 / Revista de Estudios Sociales                              | Sociologia                                 |

| 2025                 | Daniel Abreu de Azevedo, Aimã Ibrahim Mourad, Gustavo Sousa Resende | Geografia do ressentimento e violência populista: a invasão da Praça dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023 / Opinião Pública                                    | Ciência Política e Relações Internacionais |
|----------------------|---------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------|
| 2025                 | Eduardo Ruedell, Viviane Borelli                                    | 72 hours later Underground Media and meaning-making collectives in Brazil / InMediaciones de la Comunicación                                                       | Comunicação e Informação e Museologia      |
| 2025                 | Evandra Grigoletto e Thiago César da Costa Carneiro                 | Da evidência ao absurdo: os efeitos da memória nos sentidos do enunciado intervenção federal / Gragoatá                                                            | Linguística e Literatura                   |
| 2025                 | Fabio Marques Cerqueira Fiorio, Alexandre Jacob                     | Controle difuso e legitimidade democrática: a efetividade das críticas políticas ao Judiciário como mecanismo de freio ao ativismo pós-8 de janeiro / Remunom      | Interdisciplinar                           |
| 2025                 | Renato Horta Rezende                                                | Revolução frustrada ou tentativa de golpe de estado: 8 e 9 de Janeiro de 2023 / Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação                        | Educação                                   |
| Teses e Dissertações |                                                                     |                                                                                                                                                                    |                                            |
| Ano                  | Autor                                                               | Título                                                                                                                                                             | Área mãe                                   |
| 2024                 | Andréa Rosevell Souza dos Santos                                    | Furar as bolhas: estratégias jornalísticas contra o isolamento de grupos antidemocráticos nas eleições presidenciais brasileiras de 2022 e no 8 de janeiro de 2023 | Comunicação e Informação e Museologia      |
| 2024                 | Beatriz Calza Ferrari                                               | Ação coletiva no WhatsApp e no Telegram: os enquadramentos golpistas que prepararam o terreno para o 8 de janeiro                                                  | Ciência Política e Relações Internacionais |
| 2024                 | Douglas Edio Maurer Teixeira                                        | Os atos de 8 de janeiro na narrativa de uma mídia conservadora: contribuições da psicologia social                                                                 | Psicologia                                 |
| 2024                 | Marília Araújo Fontenele de Carvalho                                | Reflexões sobre a omissão imprópria e a responsabilização penal nos atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023, em Brasília (Brasil)                            | Direito                                    |
| 2024                 | Rodrigo Oliveira de Castro Dias                                     | Totalitarismo e a nova extrema-direita: uma análise do 8 de janeiro sob a ótica de Hannah Arendt                                                                   | Direito                                    |
| 2025                 | Lucas de Souza Prates                                               | O Supremo Tribunal Federal e a defesa responsiva da democracia                                                                                                     | Direito                                    |